



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Ciências Humanas – IH
Departamento de Filosofia

Maria Carreiro Chaves Pereira

Um Lugar para Maria Bonita na Cidade das Damas

Brasília

2018

Maria Carreiro Chaves Pereira

Um Lugar para Maria Bonita na Cidade das Damas

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Faculdade de Filosofia da Universidade
de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do
grau de Bacharela em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Miriam Wuensch

Brasília

2018

Maria Carreiro Chaves Pereira

Um Lugar para Maria Bonita na Cidade das Damas

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Filosofia da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Miriam Wuensch

Aprovado em: 09/07/2018.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Miriam Wuensch

1º Examinador

Prof. Dr. Hilan Bensusan

Filosofia - UnB

2º Examinadora

Profa. Me. Alice de Barros Gabriel

Filosofia - IFG

3º Examinadora

Profa. Me. Gigiola Mendes

Filosofia - SEDF

Dedico este trabalho ao meu saudoso pai, seu Antonio, por todo o amor, cuidado e proteção que sempre teve por mim; e por um dia ter cantado uma música cuja letra falava de Maria Bonita, a qual eu nunca esqueci.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado saúde e forças para chegar até aqui.

À minha família, pela compreensão, carinho, apoio e por acreditarem na minha capacidade de fazer o curso de Filosofia. Agradeço, especialmente, ao meu companheiro, Saturnino Menezes, ao meu filho, João Pedro, e à minha mãe, dona Hermínia. Cada um, a seu modo, me cobre de amor, carinho, dedicação, apoio e me incentiva a sempre ir em frente.

À professora Ana Miriam Wuensch, pela orientação incansável, pela amizade e por ter me apresentado Christine de Pizan. Também a agradeço pela força e incentivo e, principalmente, por realizar comigo o sonho de ver este texto pronto.

Aos meus amigos, sem nomear ninguém para não ser injusta com algum deles, pois todos torceram, me apoiaram, acreditaram na minha capacidade. Sempre que precisei tive um deles para me ajudar.

À minha chefe e amiga, Jacirene Alves Brandão, por me incentivar a não desistir do curso e por acreditar na minha capacidade de vencer.

Ao pessoal da Biblioteca pública Cora Coralina de Valparaíso de Goiás, na pessoa da diretora Tania Duarte Alves e sua equipe, que me deram todo o apoio e ajuda durante os dias em que precisei estar ali utilizando aquele espaço.

Ao Escritor Luiz Serra, autor de O Sertão Anárquico de Lampião, que me recebeu em sua casa para uma agradável conversa que muito me esclareceu vários aspectos envolvendo Lampião e Maria Bonita e por ter me presenteado com a obra Mulheres Cangaceiras, de João de Sousa Lima, a qual contribuiu muito para o desenvolvimento do meu trabalho.

*“Quem dera toda mulher
Só se chamasse Maria
Quem dera toda mulher
Fosse chamada Bonita
Quem dera toda Bonita
Só se chamasse Maria.”*

RESUMO

Esta monografia é, em seu todo, uma homenagem à Maria Bonita, a quem se vai conhecendo ao longo do trabalho, o qual, pouco a pouco, a situa dentro da *Cidade das damas*, obra de Christine de Pizan. Para tanto, o estudo está dividido em dois capítulos. O capítulo 1 apresenta a filósofa e pensadora Christine de Pizan: quem foi, e qual a finalidade da construção da *Cidade das damas*. Tratamos sobre a construção literária da *Cidade* e a quem era destinada, ou seja, suas habitantes. Assim, verificamos o modo de seleção das mulheres habitantes e de seu governo. O capítulo 2 discorre sobre quem foi Maria Bonita. Contamos o que foi o movimento denominado "cangaço" e os motivos que fizeram com que esse movimento ocorresse. Por isso, também se fala sobre Lampião, tratando de contar como se deu o encontro entre ele e Maria Bonita e o modo como ocorreu a morte de ambos. Examinamos as virtudes de Maria Bonita, especialmente a coragem, para justificar sua eleição como uma das mulheres a receber abrigo na *Cidade das damas*, recordando, desta forma, a sua existência e homenageando-a.

Palavras-chave: *Cidade das damas*. Christine de Pizan. Maria Bonita.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	08
1	A PENSADORA E FILÓSOFA CHRISTINE DE PIZAN E SUA OBRA <i>O LIVRO DA CIDADE DAS DAMAS</i>.....	11
1.1	A construção de uma cidade para as mulheres de todas as condições e virtudes.....	15
2	A DAMA MARIA BONITA.....	21
2.1	Contexto literário.....	21
2.2	Contexto histórico.....	24
2.3	Lampião.....	27
2.4	Maria Bonita.....	28
2.5	Maria conhece Lampião.....	30
2.6	A presença da mulher no cangaço.....	31
2.7	A morte de Lampião e Maria Bonita.....	33
2.8	O que faz Maria ser um diferencial.....	35
	CONCLUSÃO.....	38
	REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

A escolha do tema para construir a presente monografia teve origem, principalmente, no desassossego de uma formanda que não viu figurar o nome de filósofas e pensadoras ao longo do curso de Graduação em Filosofia, salvo raríssimas exceções, tais como Hannah Arendt e Simone de Beauvoir, entre os nomes de grandes autores homens, estudados ao longo do curso.

Sem desmerecer os nomes das duas autoras citadas acima – que realmente fazem jus a ocupar o lugar no qual se encontram, pois, sem dúvida alguma, são referenciais, cada uma, dentro do seu universo filosófico e em muitas outras áreas do conhecimento –, causa estranheza e inquietação o fato de não estudarmos outras grandes pensadoras.

Entre as mulheres pensadoras que existiram, mas se tornaram sujeitos invisíveis na Filosofia, podemos citar, da antiguidade, Safo de Lesbos, Aspásia de Mileto, Diotima de Mantinea, Hipátia de Alexandria; do medievo, Hildegarda de Bingen, Eloísa de Paráclito, Christine de Pizan, Marguerite Porete, Catalina de Siena, Teresa de Ávila; da modernidade, Anne Crowell, Mary Astell, Sor Juana Inés de la Cruz, Mary Wollstonecraft, Olympe de Gouges; da contemporaneidade, figuras como Lou Andreas-Salomé, Alexandra Kollontai, Edith Stein, Rosa Luxemburgo, María Zambrano, Julia Kristeva, Judith Butler, Seyla Benhabib, Ângela Davis entre tantas outras até os nossos dias¹.

Enfim, não são poucas as pensadoras e filósofas existentes, mas que infelizmente têm seus nomes ofuscados, ou mesmo esquecidos no meio filosófico. Não obstante, cada uma delas foi extraordinária e o legado deixado por elas permanece. Cada uma foi filha da época em que viveu, expandindo seu pensamento para além dela. Seja pela coragem, pela originalidade ou pela forma que cada uma delas existiu e se inscreveu no seu contexto, a marca delas permanece.

Escolhi falar sobre Christine de Pizan, autora medieval, italiana de nascimento e criada na França, que, com seus estudos e muito empenho, dignificou as mulheres de seu tempo. Ao construir sua *Cidade das damas*, como cidade metafórica, erguida no campo das letras para abrigar e proteger as mulheres do presente, do passado e do futuro, dos ataques misóginos que

¹MARTINO; BRUZZESE. **Las Filósofas**. Tradução Mônica Poole. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996. Colección Feminismos.

sofriam por parte dos poetas, filósofos e teólogos, comprovou ser uma pensadora que deve ser conhecida e respeitada no universo filosófico.

Escolhi também homenagear Maria Bonita, a companheira de Lampião, mulher que, até hoje, é tema de literatura, principalmente a de cordel, na qual sua figura é exaltada em versos que traduzem a coragem e a beleza que tanto marcaram a sua vida. Ela nunca caiu no esquecimento, sendo até hoje lembrada como uma mulher de fibra que lutou lado a lado e em condições de igualdade com os homens que construíram o cangaço, movimento que é parte do imaginário do sertão nordestino brasileiro.

A forma adotada para fazer essa homenagem foi dar à Maria Bonita um abrigo dentro da *Cidade das damas*, obra de Christine de Pizan. O argumento principal consiste em que esta autora, ao construir sua *Cidade* literária, não escolheu somente as santas, as rainhas, ou as princesas entre as mulheres. A escolha também não recaiu sobre mulheres que nunca cometeram um erro ou que não tivessem defeitos; mesmo porque se este fosse o critério, não haveria quem pudesse ocupar o posto. Sua escolha foi construir e habitar sua *Cidade* com histórias de mulheres de virtudes as mais variadas e não exclusivamente masculinas. E para lá foram, sim, rainhas, princesas e santas, mas também foram mulheres simples, sem títulos de nobreza, ou santidade; mulheres do povo, mas igualmente valorosas por suas próprias virtudes.

O desejo de abrigar Maria Bonita na *Cidade das damas* foi, principalmente, por sua coragem demonstrada em vida, mas também pelo amor e a lealdade dedicados a Lampião e ao movimento do cangaço. A vida de Maria foi curta, mas foi vivida com a intensidade e bravura de tomar decisões e enfrentar suas consequências. É verdade que isso a levou a pagar um preço muito alto: a sua própria vida. Contudo, também a tornou um ícone na cultura nordestina brasileira.

Maria Bonita fez com que a mulher nordestina passasse a ser vista por um ângulo diferente; não mais uma coitadinha, sempre de cabeça baixa e obediente aos costumes. Com Maria Bonita surgiu a imagem da nordestina forte, valente, destemida e, ao mesmo tempo, altiva, alegre, ousada e faceira.

Nosso propósito aqui é mostrar que a pensadora e filósofa Christine de Pizan construiu um ambiente literário, a *Cidade das damas*, como um lugar no qual é possível contar a história de Maria Bonita e, assim, reconhecer a distinção própria dessa dama entre outras damas famosas na história universal das mulheres.

Para dar forma à presente monografia, o trabalho está dividido em dois capítulos. O capítulo 1 apresenta a filósofa e pensadora Christine de Pizan: quem foi, e qual a finalidade da construção da *Cidade das damas*. Tratamos sobre a construção literária da *Cidade* e a quem

era destinada, ou seja, suas habitantes; e verificamos o modo de reunião das habitantes e seu governo.

O capítulo 2 discorre sobre quem foi Maria Bonita. Contamos o que foi o movimento denominado "cangaço" e os motivos que fizeram com que esse movimento ocorresse. Por isso, também se fala sobre Lampião, tratando de contar como se deu o encontro entre ele e Maria Bonita e o modo como ocorreu a morte de ambos. Examinamos as virtudes de Maria Bonita, especialmente sua coragem, para justificar sua eleição como uma das mulheres a receber abrigo na *Cidade das damas* e, desta forma, homenageá-la, recordando a sua existência.

1. A PENSADORA E FILÓSOFA CHRISTINE DE PIZAN E SUA OBRA *O LIVRO DA CIDADE DAS DAMAS*

Descobrir ou redescobrir Christine de Pizan é uma exigência para aquelas e aqueles que buscam aprofundar seus conhecimentos sobre a questão da mulher e suas lutas para alcançar dignidade enquanto ser humano.

Considerando o silêncio sobre a autora medieval Christine de Pizan em nossos espaços acadêmicos, é necessário apresentar alguns dados biográficos sobre ela, e, também sobre a composição de sua obra mais conhecida, *O livro da cidade das damas* [*Le livre de la cité des dames*]ou, resumidamente, *Cidade das damas*.

[A]penas destacamos o fato de que Christine de Pizan é *uma entre muitas* autoras medievais e renascentistas que têm sido redescobertas e estudadas. Neste caso a preservação de seus manuscritos, bem como o crescente interesse de pesquisa na perspectiva de gênero, favorece imensamente a recuperação de sua fortuna crítica e oferece novas chaves de leitura desta autora.²

Christine de Pizan foi uma das vozes que se levantou contra a misoginia de sua época e exaltou as mulheres do seu tempo. Fez isso, especialmente, por meio de palavras escritas, as quais utilizou como forma de empoderar aquelas que, por tanto tempo, tiveram suas vozes silenciadas. Fossem elas nobres, camponesas, ou santas, cada uma foi lembrada, pois eram exemplares em virtudes, que se sobressaíam frente a qualquer eventual defeito.

Enfim, todas vós senhoras, damas de grande, média e humilde condição, antes de qualquer coisa, tende cuidado, e sede vigilantes para vos defender contra os inimigos de vossa honra e de vossa virtude. Vede minhas damas, como de toda parte esses homens vos acusam dos piores defeitos!³

A autora Christine de Pizan foi uma pensadora de grande importância na Idade Média, ainda que muitos, no Brasil, até se surpreendem ao descobrir que haviam escritoras na Europa medieval. Entretanto, já há em nosso País quem se interesse por estudar o pensamento desta autora.

²WUENSCH, Ana Miriam. O que Christine de Pizan nos faz pensar. **Revista Graphos**, João Pessoa, v. 15, n. 01, p. 1-12, 2013.

³PIZAN, Christine de. **A Cidade das Damas**. Tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2012, livro terceiro, cap. XIX.

É preciso reconhecer que, no Brasil, este interesse é maior entre pesquisadores das áreas de literatura, história e teologia, do que entre pesquisadores da filosofia. Portanto, aqueles que se interessam pelo *Livro da Cidade das Damas* desde uma perspectiva filosófica, devem estar abertos para os estudos cristinianos interdisciplinares.⁴

Christine de Pizan nasceu em Veneza, em 1364, filha de Tommaso da Pizzano, médico italiano, astrólogo, e professor na Universidade de Bolonha. Quando Christine tinha quatro anos de idade, a família se mudou para a França, a convite de Carlos V de Valois (1338-1380) – o rei Sábio - para que seu pai atuasse como embaixador italiano na corte francesa.

O reinado de Carlos V foi um período de grande desenvolvimento cultural. Nessa época foi formada a *Librairie Royale du Louvre*, uma biblioteca com mais de novecentos volumes, inclusive bíblias com traduções em latim e em francês, assim como obras e traduções de Platão, Aristóteles, Agostinho e outros pensadores. O rei também reuniu em sua corte filósofos e eruditos de muitos saberes em várias ciências, matemáticas, especulativas e outras.⁵

Christine de Pizan recebeu uma educação esmerada, ainda mais se considerarmos que não era praxe em sua época as mulheres estudarem. Foi o pai dela quem se preocupou que a filha aprendesse línguas, tais como o latim, mas também estudasse poesia e retórica, entre outras *artes liberales* do currículo medieval.

É fácil deduzir que o ambiente no qual Christine de Pizan foi educada, em muito contribuiu para o seu desenvolvimento intelectual. Ela teve a oportunidade de aprimorar os seus estudos, facilitados, inclusive, pelo livre acesso à biblioteca real. Além de autores italianos como Dante Alighieri, Petrarca, Boccaccio e outros, estudados por ela, sem dúvida, esse ambiente foi um diferencial em sua formação, mas a sua dedicação aos estudos foi determinante para que ela se tornasse a grande pensadora e escritora que conhecemos.

Um dia estava eu, como de hábito, e com a mesma disciplina que rege o curso da minha vida, recolhida em meu gabinete de leitura, cercada de vários volumes, tratando dos mais diversos assuntos. Com a mente cansada por ter passado um bom tempo estudando sentenças complexas de tantos autores, levantei a vista do texto, decidindo deixar, por um momento, assuntos mais sutis para deleitar-me com a leitura de alguma poesia.⁶

Naquela época, era comum as jovens se casarem cedo. Aos quinze anos Christine de Pizan já estava casada com Etiénne Castel, secretário do rei. Com ele foi feliz e teve três

⁴WUENSH, 2013, p. 3.

⁵RUBIN, Anderson Cardoso. **Razão, Retidão e Justiça: a questão do conhecimento em *A Cidade das Damas* de Christine de Pizan**. 49f. Monografia (Graduação em Filosófica) - Universidade de Brasília, 2014.

⁶PIZAN, 2012, livro primeiro, cap. I.

filhos, e como recorda em seus escritos, seu casamento era regido pela “bondade, doçura, lealdade, terno amor”⁷. Sobre essa fase amorosa, escreveu *Ballades Amorouses*, em 1379. Mas tornou-se viúva aos vinte e cinco anos e, apesar de ser ainda jovem, optou por não se casar novamente. Em 1390 escreveu suas *Ballades du Veuvage*, um outro poema autobiográfico, porém a obra de Christine de Pizan é muito vasta⁸ e não se resume à poesia.

Viúva aos 25 anos, e logo mais, falecendo seu pai, recaiu sobre ela a responsabilidade de cuidar de seus três filhos, sua própria mãe, e uma sobrinha desamparada. [...]. Os recursos da família estavam penhorados, coisa que ela desconhecia, e logo os comerciantes lhe cobraram judicialmente. Ela teve que responder judicialmente em quatro instâncias jurídicas, por quatro processos em tribunais diferentes, o que se alongou por quase uma década.⁹

Nossa autora poderia ter baixado a cabeça e se lamentado, pois não foi só o fato de ter ficado viúva bastante jovem: o pai também faleceu e agora ela era a responsável por sustentar seus três filhos, sua mãe e uma sobrinha. Poderia ter se casado novamente, e se acomodar na situação, mas ao invés disso, “arregaçou as mangas” e foi à luta. Nessas circunstâncias, o que era apenas um hábito, se tornou um meio de vida.

A teóloga Lieve Troch se refere à Christine de Pizan afirmando que ela “*ocupa um lugar especial na transição do final da Idade Média para o início do Renascimento. Ela é um protótipo de mulheres leigas que escrevem*”¹⁰. Segundo Troch, a autora é considerada por

⁷ DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. Verbete Christine de Pizan. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio; Dicionário crítico de gênero. Mato Grosso do Sul: Editora da UFGD, 2015, p. 528.

⁸ Cronologia das Obras de Christine de Pizan (1364 – 1430) - 1399-14012: *Cent ballades*, Virelays Balades d’estrangre façon. *Ballades de divers propôs (I-XXIX)*. *Une complainte amoreuse (I)*. *Lays. Rondeaux. Jeux à vendre*; 1399 – *Epistre au Dieu d’amours* (datado de 1º de maio); 1400 – *Le Débat de deux amants* – *Le Livre des Trois jugments amoureux*. *Le Livre du Dit de Poissy* (datado de abril de 1400); 1400-1401 – *L’Epistre Othea*. *Les notables moraux ou Enseignements de Christine a sont fils*. *Proverbes moraux*; 1401-1402: *Les Livres des epistres sur Le Roman de La Rose*; 1402-1403: *Le Livre du Chemin de long estude* (escrito entre 5 de outubro de 1402 e 20 de março de 1403); 1403: *Le Dit de La Pastoure* (datado do mês de maio). *Le Livre de la Mutation de Fortune*. *Une Epistre a Eustache Mourel* (datada de 10 de fevereiro); 1404: *Le Livre des Fais et bonnes meurs de sage roy Charles V* (escrito entre janeiro e novembro); 1404-1405: *Le Livre du Duc des vrais amans*. *Le livre de La Cité des dames* (escrito entre 13 de dezembro de 1404 e abril de 1405); 1405: *Le Livre des Trois Vertus ou Le tresor de la cite des Dames* (escrito entre a primavera e o outono); 1405-1406: *Le Livre de la Prud’homie de l’homme ou Le Livre de Prudence*; 1406-1407: *Le Livre du Corps de Police*; 1406: *Autres Ballades ou Ballades de divers propôs*, XXX-XLIV, XLIVI-L. (Iniciadas em 1402); 1409: *Psaumes Allegorisés*; 1410: *Autre Ballades, XLV. Une Complainte amoreuse (II)*. *Cem Ballades d’Amant et de Dame*. *Le Livre des Fais d’armes et de chevalerie*. *La Lamentation sur les maux de la France*; 1412-1413: *Le Livre de la Paix*; 1414-1418: *Epistre de la Prison de vie humaine*; 1420: *Les heures de contemplation sur la Passion de Nostre Seigneur*; 1429: *Le Dittie de Jeanne D’Arc*. (DEPLAGNE, op. Cit., p. 47-53, grifos da autora).

⁹ WUENSCH, 2013, p. 9-10.

¹⁰ TROCH, Lieve. Mística Feminina na Idade Média Historiografia Feminista e Descolonização das Paisagens Medievais. *Revista Graphos*, João Pessoa, v. 15, n. 01, 2013, p. 9.

muitos como a primeira mulher na Europa que pôde sobreviver com as receitas da sua própria escrita, tornando-se assim uma escritora *profissional* em plena Idade Média.

Mulheres autoras na Baixa Idade Média, tinham que provar-se em três níveis: (i) o escrito é seu próprio; (ii) elas tinham direito ao seu próprio pensamento; (iii) seu pensamento está enraizado em uma forma diferente de conhecimento. Apesar disso, elas eram por vezes, vítima de auto-subestimação e auto-censura (Lerner, 47-49). Christine de Pizan é vista por muitos como a primeira mulher na Europa que pôde sobreviver com as receitas de sua escrita. Ela representa, por assim dizer, o ponto culminante da escrita mais intelectual que foi usada por Hildegarda de Bingen no século XII. Várias mulheres já tinham escrito, mas muitos textos foram escritos também por padres e professores.¹¹

Na época de Christine de Pizan, não era realmente tarefa simples uma mulher provar que era escritora, mas ela fez isso, pois além de possuir uma obra vasta, ainda protagonizou uma importante disputa intelectual, que envolveu o *Roman de la Rose*¹², posteriormente conhecida como a *querelle des femmes* (querela das mulheres), ainda citada em *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir¹³.

A partir desse ponto vamos considerar como se deu a construção da *Cidade das damas*. Christine de Pizan se utilizou da arquitetura para dar forma à sua cidade, uma obra alegórica e metafórica, edificada na literatura. Nossa filósofa era assim: disposta, arrojada e com talento e disposição, inclusive para construir uma cidade - como Agostinho, em sua *Cidade de Deus*.

¹¹TROCH, 2013, p. 9.

¹²“O *Roman de la Rose* é uma obra composta por dois autores, em dois períodos diferentes. Escrito originalmente de forma poética por Guillaume de Lorris, em 1245, este *roman* apresenta aproximadamente quatro mil versos, em latim, e nas línguas vernáculas d’oc, e d’oïl. Os versos de Lorris apresentam, de forma alegórica, o sonho do poeta em um jardim onde ele observa o florescer de uma rosa, que se torna objeto de desejo, e pela qual empreende uma longa busca que não se soluciona no texto. É uma obra cortês por excelência, que reúne os temas da lírica amorosa que dominou por mais de três séculos na época. No final do século XII, o clérigo parisiense Jean de Meung decide dar sua versão para o final deste *roman*, e escreve mais de dezoito mil versos que em tudo contrastam com o original. [...], fez muito sucesso no ambiente universitário, recordemos, exclusivamente masculino, na França. Os mais de duzentos e cinquenta manuscritos conservados da segunda parte do *Roman de la Rose*, indicam como observa Régine Pernaud, a extraordinária difusão desta obra, em sua nova interpretação da mulher “autorizada” pelos recursos acadêmicos, numa clara ruptura com a tradição do amor cortês. [...] Christine de Pizan escreve, inicialmente, *L’Epistre au Dieu d’Amour*, em 1399, onde as mulheres de todas as condições sociais recorrem ao Cupido contra os seus detratores, especialmente Jean de Meung. [...]. Por meio de suas correspondências ela reúne aliados importantes para a sua causa, tanto da nobreza – como o duque de Orleans, e a própria rainha da França, Isabel da Baviera – quanto da universidade, como o teólogo Jean Gerson, que escreve, em 1402, um tratado contra a versão do *Roman de la Rose*, de Jean Meung, em favor de Christine de Pizan. [...]. Deste modo, Christine de Pizan esteve no epicentro da *Querelle du Roman de La Rose*.” (WUENSCH, 2013, p. 6-7).

¹³ WUENSCH, op. cit.

1.1 A construção de uma cidade para as mulheres de todas as condições e virtudes

A *Cidade das damas* é uma construção alegórica¹⁴. Era comum na Idade Média empregar alegorias e metáforas para dar vida a algo que se tinha o desejo de que fosse real. “A linguagem alegórica, que tem um caráter, fundamentalmente, didático, busca, ao mesmo tempo, dar uma certa ilusão do real, travestindo-o assim como pôr à vista o mundo real, através de valorização simbólica dos elementos alegóricos”.¹⁵

Sob a influência de autores como Agostinho, Boécio e Boccaccio, Christine de Pizan construiu a sua *Cidade das Damas*: “La influencia de estos autores determina su coyuntura alegórica y configura un corpus temático de exposición casuística tomando como paradigma ético y político la vida de mujeres ilustres, lo que imprime en sello de una nueva estética en pluma de mujer.”¹⁶

Considerando a realidade do mundo no qual Christine de Pizan vivia, ela almejou construir um lugar onde as mulheres pudessem se sentir seguras. Acrescenta-se a isso o fato de ser uma mulher, cuja formação incluía os grandes mestres do saber, tais como Platão, Aristóteles, Agostinho, Dante Alighieri e tantos outros filósofos e poetas pensadores, como Virgílio, Boécio e Boccaccio, logo, não será estranho observar o que levou à escolha de uma

¹⁴ “**Alegoria** – No seu primeiro significado específico, essa palavra indica um modo de interpretar as Sagradas escrituras e de descobrir, além das coisas, dos fatos e das pessoas de que elas tratam, verdades permanentes de natureza religiosa ou moral. A primeira aplicação importante do método alegórico é o comentário ao *Gênesis* de Filon de Alexandria (Séc. I). [...]. Por sua vez, Orígenes, que é o primeiro autor de grande sistema de filosofia cristã, distinguia nos textos bíblicos três significados: o somático, o psíquico e o espiritual, que estão entre si como as três partes do homem: o corpo, a alma e o espírito (*De princ...*, IV, 11). Na prática, porém, contrapunha o significado espiritual ou alegórico ao corpóreo ou literal e sacrificava este último em favor do primeiro, já que só o significado alegórico constitui a verdade racional contida nas Sagradas Escrituras (*ibid.*, IV 2). Em seguida, tornou-se dominante na Idade Média a distinção de três significados da Escritura (como se encontra, por exemplo, formulada por Hugo de S. Vitor, *De scripturis*, III), significado literal, significado alegórico e significado anagógico). Eis como Dante expõe a doutrina: “As escrituras podem ser entendidas e devem ser expostas sobretudo em quatro sentidos: [...]; o outro chama-se *alegórico* e é o que se esconde sob o manto das fábulas, sendo a verdade oculta sob belas mentiras... [...]”. Mas entre esses sentidos, como diz o próprio Dante, o fundamental, para o teólogo como para o poeta, é o alegórico. E, de fato, na Idade Média a Alegoria tornou-se o modo de entender a função da arte, e, especialmente, da poesia. João Salisbury dizia que Virgílio, “sob a imagem das fábulas, exprime a verdade de toda a filosofia” e que Dante (*Vita Nuova*, 25) definia assim a tarefa do poeta: “Vergonha seria para aquele que rimasse coisas sob as vestes de figura ou de cor retórica, e depois, interrogado, não soubesse desnudar as suas palavras de tal veste, de modo que tivessem real entendimento.” (ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 23-24, grifos do autor).

¹⁵ DEPLAGNE, 2012, p. 19.

¹⁶ *A influência desses autores determinam sua conjuntura alegórica e configura um corpo temático de exposição casuística, tomando como paradigma ético e político a vida de mulheres ilustres, o que imprime a marca de uma nova estética da escrita feminina*. (Tradução livre). (LLOBET, Lola Esteva de. **Christine de Pizan**. Madrid: Ediciones del Orto, 1999, p. 37).

quantidade tão grande de mulheres memoráveis para um lugar que se estabelece no campo do saber, sendo forjado desde as letras.

E nossa autora estava muito preocupada, após tomar conhecimento, por meio de livros e de conversas com mulheres, sobre as ideias repugnantes que os homens formulavam a respeito das mulheres e disseminavam por meio de uma literatura produzida por homens, e para homens.

No ano de 1405, já em sua maturidade, escreve o seu livro mais conhecido e reconhecido, *A Cidade das Mulheres*. Nele, questiona a autoridade masculina dos grandes pensadores e poetas que contribuíram para formar a tradição misógina e decide fazer frente às acusações e insultos contra às mulheres, que eram tratadas como desobedientes, invejosas, mesquinhas, embusteiras, faladoras, orgulhosas, luxuriosas, perigosas, etc. propõe com firmeza e segurança, uma utopia, um espaço próprio para as mulheres e reivindica uma genealogia de mulheres de capacidades e qualidades excelentes ao longo da história.¹⁷

Christine de Pizan começa seu livro contando porque foi construída a *Cidade das damas*. Ela estava em uma espécie de sonho, não um sonho noturno no qual estivesse totalmente inconsciente, mas um daqueles sonhos que ocorrem durante dia, mas no qual ela não estava totalmente dormindo, mas também não estava acordada, senão meditando sobre os preconceitos dos homens sobre as mulheres.

Abatida por esses pensamentos tristes, eu baixava a cabeça de vergonha. Os olhos repletos de lágrimas, as mãos na face, apoiava-me no braço da poltrona, quando repentinamente vi cair no meu colo um feixe de luz, como se fosse um raio de sol [...], então despertei-me em sobressaltos, como quem acorda de um sono profundo. Erguendo a cabeça para olhar de onde vinha aquele clarão, vi elevarem-se diante de mim três damas coroadas, de quão alta distinção¹⁸.

O propósito da visita das três damas logo é apresentado:

Cara filha, não tenhas medo, não viemos aqui para te fazer mal, ou te prejudicar, mas para te consolar. Ficamos muito comovidas com teu desespero e queremos retirar-te desta alienação; ela te cega a tal ponto de rejeitares o que tens convicção de saber, para acreditar em algo que só conheces através da pluralidade de opiniões alheias¹⁹.

¹⁷ WUENSCH, Ana Miriam; NASCIMENTO, Wanderson Flor. As pensadoras: sujeitos invisíveis, mulheres esquecidas na história da filosofia. (apostila de curso de extensão). In: FÓRUM PERMANENTE DE PROFESSORES, I, 2004, Cespe. **Anais...** Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

¹⁸ PIZAN, 2012, livro primeiro, cap. II.

¹⁹ Ibid. livro primeiro, cap. II.

As damas que apareceram à Christine ofereceram algo a mais, e maior do que apenas palavras bonitas. Trouxeram consolo em forma de ação, pois o motivo principal da sua missão era ajudá-la a construir uma cidade para a proteção das mulheres:

Desse modo, bela filha, foi a ti concedido, entre todas as mulheres, o privilégio de projetar e construir a Cidade das Damas. E, para realizar essa obra, apanharás água viva em nós três, como em uma fonte límpida; nós te entregaremos materiais tão fortes e mais resistentes do que mármore fixado com cimento. Assim, tua Cidade será de uma beleza sem igual e permanecerá eternamente neste mundo²⁰.

Tal cidade seria uma fortaleza, um refúgio para que aprendessem a se defender dos ataques masculinos. Como observa Deplagne, a obra de Pizan se movimenta entre a ficção e a realidade, por meio de metáforas.

A metáfora da construção mostra também o *processus*, uma filosofia da ação, necessária para a construção do projeto sonhado, imaginado, o meio dos seres humanos alcançarem aspirações. No caso feminino, o descontentamento com uma realidade demasiadamente injusta e desigual entre os sexos torna mais fértil e mais propícia a capacidade das mulheres de sonhar, de imaginar um lugar – seja uma ilha, uma cidadela, uma cidade –, onde possam ser reconhecidas como seres humanos e em igualdade com os homens, nas várias instâncias da vida cotidiana. Tal sonho é representado por Christine de Pizan na sua cidade metafórica²¹.

As damas tinham nomes diferentes, pois não eram nomes usuais que se utiliza para pessoas. Elas se chamavam *Razão*, *Retidão* e *Justiça*. Ou seja, as três damas eram, na verdade, virtudes alegóricas, exatamente como deveriam ser os fundamentos dessa *Cidade eterna*, pois seus pilares deveriam ser formados por valores indestrutíveis, já que razão, retidão e justiça são virtudes que atravessam os tempos e permanecem, ainda que os seres humanos se corrompam. Por isso, a construção metafórica dessa *Cidade* também emprega recursos alegóricos em seu projeto, como destaca Llobert:

La intervención alegórica de Razón, quien se aparece a Christine para iluminarle el camino en la construcción de esa nueva ciudad, y de Justicia y Rectitud, que la irán dirigiendo en el desarrollo del proyecto en las dos etapas sucesivas. Los personajes alegóricos no sólo representan la personificación de las virtudes ordinales o absolutas, sino que actúan también como vectores de la unidad estructural. [...]. Así, pues *La Ciudad de las Damas* se estructura en una base macroalegórica solidificada por las virtudes absolutas dando soporte a un entramado microalegórico²².

²⁰ PIZAN, 2012, livro primeiro, cap. IV.

²¹ DEPLAGNE, 2012, p. 23.

²² *A intervenção alegórica da dama Razão, que aparece a Christine para iluminar o caminho na construção dessa nova cidade, e das damas Justiça e Retidão, que vão dirigindo o desenrolar do projeto nas duas etapas sucessivas* [do livro]. *Os personagens alegóricos não apenas representam a personificação das virtudes ordinais ou absolutas, mas também atuam como vetores da unidade estrutural.* [...]. Assim, pois, *A Cidade das damas se*

Com metáforas e alegorias, a pensadora vai edificando sua *Cidade das damas*, mas sempre atenta à realidade das mulheres. Christine de Pizan considerou a condição diversificada das mulheres que poderiam habitar a *Cidade*. Rainhas, santas, guerreiras, camponesas, artistas, sábias, mães, filhas, esposas, viúvas – mulheres de todas as classes sociais e de diferentes épocas e lugares; mulheres que independentemente de seus erros foram convocadas, pois não era um erro ou um defeito que iria desmerecê-las. Elas possuíam virtudes, e foi por suas virtudes, as mais diversas, grandes ou pequenas, que mereceram seu lugar naquele recinto.

Algo que Christine de Pizan deixa bastante claro é que, para habitar a *Cidade das damas*, as mulheres não precisavam ser isentas de erros ou defeitos, pois não era isso que iria definir o seu caráter. O que contava eram as virtudes que exerciam; mesmo porque não há, no mundo, pelo menos neste mundo conhecido por nós, um ser que não possua defeitos, ou que não cometa um erro.

A *Cidade das damas* foi construída como um lugar sagrado, uma fortaleza e um refúgio, para o qual ela convidou Maria, a mãe de Jesus, quem foi chamada de *Rainha dos Céus*, para ser recebida pelas damas e adentrar essa *Cidade*, a fim de dar-lhes proteção. E quem, senão ela, no contexto cristão medieval, para protegê-las de tantos ataques injustos, misóginos, machistas?

Que venham, então, as princesas, damas e mulheres de todas as classes, na frente para acolher, com honra e devoção, aquela que não somente é sua rainha, mas que tem ainda poder e autoridade sobre todas as potências do mundo, depois do único Filho que ela teve [...]. Venham comigo todas as mulheres para lhe dizermos assim: “Nós te saudamos, Rainha dos Céus [...]”. Todo o sexo feminino te suplica, pela graça e por piedade, que não recuses habitar entre elas, como sua defensora, protetora, livrando-as de todos os ataques de inimigos do mundo...²³

Ao colocar a mãe de Jesus como Rainha dessa *Cidade*, a autora está mostrando que, embora se tratasse de uma mulher maximamente exemplar, ela estava ali, aceitando o amor e a devoção de todas aquelas outras mulheres, cada uma, exemplar ao seu modo, e ao seu alcance.

Oh, Dama! Quem ousaria, no olhar de teu esplendor, pensar ou deixar escapar da boca tal afronta, que o sexo feminino é vil! Pois mesmo se todas as outras mulheres fossem más, o raio de tuas virtudes brilha a tal ponto que eclipsaria qualquer perversidade. Excelentíssima Dama, tu que és a honra de nosso sexo, os homens não

estrutura em uma base macroalegórica solidificada pelas virtudes absolutas dando suporte a um emaranhado microalegórico. (Tradução livre) (LLOBET, 1999, p. 37-38).

²³ PIZAN, 2012, livro terceiro, cap. I.

deveriam, uma vez que Deus escolheu-te por esposa, não apenas abster-se de criticar as mulheres, mas, ao contrário, venerá-las com devoção?²⁴

Por outro lado, os homens cobravam das mulheres (e cobram até hoje), que elas ajam como seres perfeitos. E não é apenas uma cobrança por meio de palavras, mas uma cobrança que vinha (e ainda vem) na forma de calúnias, de violências e de toda a sorte de atrocidades às quais as mulheres, descritas na obra, eram submetidas; atrocidades que nós continuamos sofrendo até os nossos dias.

Na obra *Cidade das damas*, encontra-se uma infinidade de temas relativos às mulheres que sofrem e enfrentam a difamação e a violência dos homens. Um deles é o estupro – um tipo de violência recorrente, terrível para as mulheres, do qual nossa autora não se furtou de falar, pelo contrário, teve a coragem de denunciá-lo em sua obra.

Eis porque me irrita e me deixa triste que os homens afirmem que as mulheres queiram ser estupradas, que isso não as desagrade, mesmo quando se defendem gritando alto. Pois, não seria capaz de acreditar que lhes possa ser agradável uma coisa tão abominável²⁵.

Christine de Pizan não pensou a sua *Cidade* apenas para sua época, uma época em que as mulheres eram difamadas, inclusive pela própria Igreja. Ela fez um memorial de mulheres exemplares; uma obra com ambição universal e temporal, para nós todas. Na *Cidade das damas*, são contadas as histórias de mulheres valentes e guerreiras, como as destemidas e arrojadas rainhas, Nicostatra ou Sabá, Semíramis, Pentesilea; de mulheres sábias como Safo, Minerva, Novella; das profetizas, as sibilas Amalteia, Eritreia; de mulheres do Antigo Testamento, como Sara, a esposa de Abraão, Deborah, Judith ou Esther; das santas católicas, como santa Madalena ou santa Lúcia, entre tantas outras. Enfim, há uma multidão de mulheres homenageadas por ela nessa obra. São mulheres cujas histórias atravessam o tempo, e servem de exemplo para cada nova geração de mulheres que chega ao mundo.

Eu te profetizo, como uma verdadeira sibila, que a Cidade que tu fundarás, com a nossa ajuda, nunca se findará na inexistência. Ela será, ao contrário, sempre próspera, apesar da inveja de todos seus inimigos; ela sofrerá vários ataques, mas nunca será tomada ou vencida²⁶.

Considerando a permanência da obra *Cidade das damas*, bem como o seu caráter de *memorial*, podemos inserir, no contexto dessa *Cidade*, damas de outras culturas e de épocas diferentes, conforme as suas virtudes.

²⁴ PIZAN, 2012, livro terceiro, cap. I.

²⁵ Ibid., livro primeiro, cap. XLIV.

²⁶ Ibid., livro primeiro, cap. IV.

Que Deus seja louvado, minhas veneráveis Damas! Pois, nossa cidade está aqui construída e perfeita, na qual, com grande honra, todas vocês, que amam a glória, a virtude e a notoriedade, poderão hospedar-se; pois ela foi fundada e construída para todas as mulheres honradas – as do passado, as do presente e as do futuro²⁷.

Como se pode perceber, Christine de Pizan deixou aberta a porta dessa *Cidade* para que outras mulheres, de outras épocas e sociedades, também pudessem encontrar refúgio neste lugar de proteção. Ela não pensou apenas em si e nas mulheres de seu tempo. Era como se estivesse prevendo que as mulheres continuariam sofrendo abusos de todos os tipos e muitas vezes tais abusos viriam, exatamente, daqueles a quem devotam seu mais profundo amor: pais, maridos, namorados, enfim, daqueles a quem elas mais se dedicam. Da mesma forma, é como se a autora soubesse que existem e que existirão mulheres possuidoras dos mais diferentes tipos de virtudes, merecedoras de um lugar na *Cidade das damas*.

Talvez a hospitalidade das mulheres às mulheres, em função do mérito de seus serviços a toda humanidade, seja a grande virtude desta *Cidade*, como se lê no livro terceiro, capítulo XVIII: “*Tanta hospitalidade e outros serviços, isso não pesa na balança?*”²⁸

Desse modo, essa *Cidade*, como "um novo reino do Feminino", além de ser uma fortaleza, seria também um memorial, um lugar onde as mulheres seriam acolhidas, valorizadas e lembradas.

Eis, assim, que se abre um novo reino do Feminino, bem mais digno do que aquele de outrora, uma vez que as mulheres que serão alojadas não terão de deixar suas terras para conceber ou dar à luz a suas herdeiras, para que se perpetue em sua própria linhagem. Aliás, aquelas que hospedaremos agora, ficarão lá eternamente²⁹.

É a própria Christine de Pizan, autora e contadora de histórias de tantas e tão diversas mulheres, em virtude de sua hospitalidade, quem nos faz pensar sobre outras histórias que poderiam ser contadas para compor essa *Cidade*, fortalecendo-a e, assim, cumprindo a sua finalidade. A autora considera, desse modo, outras mulheres que aí poderiam encontrar abrigo e acolhimento nessa comunidade feminina de muitos méritos.

Isso nos leva, a partir de agora, a contar a história de uma valente mulher do sertão nordestino brasileiro que, por sua coragem, merece ser homenageada e ter seu nome inscrito neste lugar memorável que é a *Cidade das damas* – como um “reino do Feminino”. A mulher sobre a qual vamos falar é Maria Bonita, a companheira de Lampião.

²⁷ PIZAN, 2012, livro terceiro, cap. XIX.

²⁸ Ibid., livro terceiro, cap. XVIII.

²⁹ Ibid., livro segundo, cap. XII.

2. A DAMA MARIA BONITA

O mundo está cheio de histórias, de acontecimentos e ocorrências e eventos estranhos, que só esperam ser contados, e a razão pela qual geralmente permanecem não contados é, segundo Isak Dinesen, a falta de imaginação – pois somente se você consegue imaginar o que aconteceu de alguma maneira, repeti-lo na imaginação, é que você verá as histórias, e somente se você tem a paciência de contá-las e recontá-las [...] é que se poderá contá-las bem.³⁰

2.1 Contexto literário

Não se sabe onde foi que surgiu a arte de contar histórias, mas sempre houve alguém para contá-las. As histórias são as mais diversas, e não se pode negar que a imaginação é fator primordial para isso.

As biografias, por exemplo, nos apresentam pessoas famosas, que podemos admirar, ou não. Certamente, elas são escritas com base na verdade da vida dessas pessoas, mas há muito de imaginação ao se recriar pela mente de quem se propõe reconstruir a história de vida de alguém, para apresentá-la de modo biográfico. “*A posteridade também pode julgar a vida; ao biógrafo é necessário julgar que a história merece ser contada*”, disse Elizabeth Young-Bruhel³¹ ao justificar ter feito uma biografia de sua mestra, Hannah Arendt (1905-1975).

A própria Arendt compôs retratos biográficos de algumas pessoas (como Isak Dinesen, citada acima) que, no seu entendimento, contribuem para lançar alguma luz sobre os tempos sombrios, os tempos históricos em que viveram.

Mesmo no tempo mais sombrio temos o direito de esperar alguma iluminação, e tal iluminação pode bem provir, menos das teorias e conceitos, e mais da luz incerta, bruxuleante e frequentemente fraca que alguns homens e mulheres, nas suas vidas e obras, farão brilhar em quase todas as circunstâncias e irradiarão, pelo tempo que lhes foi dado na Terra³².

Christine de Pizan era uma contadora de histórias, e também compôs alguns retratos biográficos de mulheres de um modo muito singular. Essas mulheres, por seu exemplo, torna-

³⁰ARENDDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 88.

³¹YOUNG-BRUEHEL, Elisabeth. **Por amor ao mundo: a vida e a obra de Hannah Arendt**. Tradução Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997, p. 12.

³²ARENDDT, op. cit., p. 9.

ram-se o argumento para rebater as calúnias proferidas contra elas, e a autora transformou suas múltiplas virtudes em material forte, belo e resistente para a construção da *Cidade das damas*: “Nós te entregaremos materiais tão fortes e mais resistentes do que mármore fixado com cimento. Assim, tua cidade será de uma beleza sem igual e permanecerá eternamente neste mundo.”³³.

Deste modo, as histórias de mulheres serviram de material para a construção da *Cidade*. Vemos, então, o lugar onde elas podem habitar, pela recordação de suas vidas e obras, como exemplos para nós mesmos julgarmos. Como diz a Dama Retidão, da *Cidade das damas*:

Cara amiga, parece-me ter cumprido bem o meu dever na Cidade das Damas, pois a construí com belíssimos palácios, residências e mansões e a povoei de nobres damas, de toda condição social, das quais a Cidade já está cheia. Que isto te seja suficiente, e que venha a minha irmã Justiça para completar a obra³⁴.

Vamos, então, ouvir a história de Maria Bonita, a famosa companheira de Lampião, cuja vida já foi tema de filmes, de séries para televisão, de músicas e que continua sendo inspiração para muitos autores cordelistas, ou de outras áreas. Foi, principalmente, pela coragem que escolhi homenagear essa mulher, inserindo-a no recinto da *Cidade das damas*.

Antes, porém, de lembrar a história de vida de Maria Bonita, é necessário que se fale da importância da literatura de cordel, visto que muito do que se encontra a respeito dela está nas páginas dos cordéis, uma vez que a companheira de Lampião ainda rende muitos enredos na imaginação desses autores.

À respeito da literatura de cordel, tem-se que:

[u]ma literatura “avant la lettre” é a definição tradicional do cordel brasileiro. A contestação do cânone está em curso numa extensa análise de folhetos de cordelistas nordestinos que deve resultar no primeiro volume da prestigiosa coleção “Archivos” dedicados a autores vivos. A proeza é mérito da estudiosa holandesa Ria Lemaire, doutora em estudos comparados de literatura medieval pela Universidade de Utrecht [...] [O]bservou-se que “essa literatura popular que nasce no Brasil no século 19, impressa, mas não escrita, em função da passagem direta da oralidade à impressão, apresenta muitas características comparáveis às literaturas da Idade Média e do início dos tempos modernos na Europa.”[...] Na argumentação em defesa do cordel, Ria Lemaire recorreu novamente à comparação com características da literatura medieval³⁵.

³³ PIZAN, 2012, livro primeiro, cap. IV.

³⁴ Ibid., livro segundo, cap. LXVIII.

³⁵ Ria Lemaire em entrevista a Silvana Arantes. O cordel subverte o cânone. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 fev. 2001. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2602200106.htm>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

Conforme podemos ver pelo texto, a literatura brasileira de cordel é uma literatura que possui seu valor e, por isso mesmo, deve ser considerada, principalmente no caso de Lampião e Maria Bonita. Por mais que o tempo tenha passado, são personagens cuja presença continua sendo muito forte nesse tipo de literatura. Resistiram ao tempo, e sua história de vida continua alimentando a expressão poética dos cordéis.

A literatura de cordel surge no Brasil com a prática da leitura de folhetos nos tempos derradeiros do século XIX. Segundo constata a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, tal natureza literária chegou por intermédio de nossos colonizadores portugueses que a instalaram primeiramente em Salvador-BA, Capital do Brasil na época, para, dali, difundirem-na aos demais estados do Nordeste brasileiro. [...] Com o foco nos combates e artimanhas do cangaço, principalmente de Lampião, o Cangaço tem sido relatado em cordéis desde o início do século XX³⁶.

O/a cordelista sempre se utiliza de um grande feito praticado por alguém, ou de uma personagem da política, ou de uma celebridade do meio artístico, inserindo ali elementos que auxiliem o leitor, por meio da rima, a visualizar o contexto do que está sendo narrado. No caso de Lampião e Maria Bonita, o romance deles é sempre a temática principal.

[...] Cupido fez passa tempo
Com Maria e Lampião
Ela Rainha ele Rei
Governou nosso sertão
Cangaço e amor viveu
Não foi uma ilustração³⁷.

Sobre a temática da cultura nordestina, Roberto Pontes tece considerações que vale a pena serem observadas, dada a peculiaridade das mesmas. Ali ele traça um paralelo entre a cultura árabe com elementos da Idade Média, fazendo uma ligação de tais elementos com a cultura nordestina, por meio do que ele chama de resíduos e, posteriormente, define como Teoria da Residualidade³⁸:

O *remanescente* cultural vivíssimo no Brasil dos dias em curso, através da poesia, dos cantadores e repentistas do sertão nordestino, dos violeiros, rabequeiros e tiradores de coco, testemunha que a Idade Média é aqui, tendo em vista a enorme analogia fácil de estabelecer entre trovadores, jograis e segréis com os artistas populares nor-

³⁶ FERREIRA, Vera; ARAÚJO, Germana Gonçalves de. **Bonita Maria do Capitão**. Bahia: EduNEB, 2011, p. 199-200.

³⁷ Ibid.

³⁸ Para saber mais sobre o assunto há o livro “Residualidade ao alcance de todos”, de 2015, organizado pelos professores Roberto Pontes e Elizabeth Martins e publicado pela Expressão Gráfica.

destinos citados. [...]. A vigorosa sobrevivência do cancionero de jaez mediéxico nos rincões do Nordeste atual. [...] correspondência entre as cosmovisões de dois espaços e tempos de homens presos aos avatares telúricos. [...] A importante contribuição árabe flagrada nos *resíduos culturais* do sertão brasileiro. [...] Consta da definição básica: resíduo é o que remanesce de uma cultura pretérita numa posterior.³⁹

2.2 Contexto Histórico

Seja na literatura, seja no cinema, a história com a qual estamos habituados é a dos vencedores. É sempre a história dos que enfrentaram os obstáculos, conquistaram o que almejavam e foram felizes para sempre. Ou seja, estamos acostumados com os heróis, os mocinhos, as mocinhas, os reis, os príncipes, as princesas, as rainhas. Enfim, o lado dos que perderam quase nunca é mostrado ou considerado, não porque não tenha existido, mas porque o ser humano gosta de alimentar suas fantasias sempre com histórias narrando vitórias. Ele sente como se as vitórias e conquistas das personagens fossem suas.

Mas dentro da história dos vencedores, há uma história paralela: a dos que lutaram e não venceram. Existe a história dos perdedores, dos vencidos, dos que não tiveram os finais felizes mostrados nos contos de fadas. Também há uma história dos que não foram felizes para sempre. Ou será que foram? Como diz Hannah Arendt,

[é] como se uma realidade plena e consumada tivesse se estabelecido ao lado da ambiguidade e imparcialidade poéticas e espirituais do poema de Homero [*Ilíada*], como se algo que nunca fora realizado na história, e aparentemente não pudesse se realizar, tivesse enfim se realizado: a plena justiça para com a causa dos derrotados, não no julgamento da posteridade – que sempre foi capaz de dizer, com Catão “*acausa do vitorioso agradou aos deuses, mas a do derrotado agradou a Catão*” – mas no curso da própria história. Já constitui novidade bastante que Homero cante a glória dos vencidos e mostre num poema laudatório que um mesmo acontecimento pode ter dois lados e que o poeta não tem o direito de usar a vitória de um deles para derrubar e matar, por assim dizer, o outro lado uma segunda vez.⁴⁰

Pois é! A história de Maria Bonita é a história de uma anti-heroína, de uma fora da lei, de uma mulher com escolhas um tanto, digamos, diferentes, de uma mulher que tomou a decisão de viver ao lado de um bando de homens cangaceiros, e sendo a companheira, justamente,

³⁹PONTES, Roberto. O medievo está aqui. *Revista Graphos*, João Pessoa, 2017, v. 19, n. 03, p. 198-209.

⁴⁰ARENDR, Hannah. *A promessa da política*. Organização e introdução Jerome Kohn; tradução Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: DIFEL, 2008, p. 235-236.

do chefe do bando, Lampião, Maria Bonita vem sendo considerada por muitos como a Rainha do Sertão.⁴¹

Necessário se faz, no entanto, que se fale um pouco sobre o cangaço e de como surgiu, pois foi a partir de uma série de fatores combinados que se deu o surgimento do movimento.⁴² Conforme Serra⁴³, a palavra cangaço, deriva de canga, “pau assentado nos ombros de carregadores e usados para transportar objetos pesados.” A canga também é feita em madeira e amarrada ao pescoço dos bois, em junta, para amarrá-los à carroça, e, assim, o transporte fica mais forte. Tendo em vista que os cangaceiros levavam presos ao corpo todos os objetos necessários, para todos os lugares para onde iam, é possível fazer essa junção das palavras.

Os cangaceiros e cangaceiras carregavam muito peso. Sua casa era aquilo que levavam nos ombros. Eram alimentos, água, ervas que serviam como remédios, diversos utensílios com as mais diferentes finalidades. No caso das mulheres havia ainda os apetrechos de se embelezar. Eles usavam muitas joias e as roupas possuíam muitos bordados. “Afora a vibração das cores e desenho dos bordados, os cangaceiros carregavam no corpo cerca de 40 kg de penduricalhos (mantimentos, armamento e muitas joias)⁴⁴” Enfim, tudo contribuía para aumentar o peso que eles levavam. Lembrando que os percursos carregando esse peso eram feitos a pé ou em lombos de animais.

O cangaço foi uma realidade. E enquanto movimento, marcou o sertão nordestino a ponto de não ser esquecido. Os motivos que levaram as pessoas a aderirem ao movimento foram variados, mas a desorganização social e a fome estão entre os principais.

⁴¹Como disse Ariano Suassuna em palestra no TST em 18 de abril de 2012, “Maria Bonita foi uma mulher extraordinária; que se apaixonou por alguém que para ela, era a figura de um rei. E por causa desse amor teve aquele fim inominável.” (SERRA, Luiz. **O Sertão Anárquico de Lampião**. Brasília: Outubro Edições, 2016, p. 292.).

⁴²“A implantação do regime republicano não modificou a situação das famílias de trabalhadores do campo que representavam naquela época mais de dois terços da população nacional. As grandes propriedades continuavam imperando tanto no litoral quanto no interior do país (onde predominavam os latifúndios improdutivos). Eram a razão principal da miséria e da submissão da massa rural. [...]. A grande maioria da população era composta de trabalhadores destituídos de propriedades, isolados do resto do país e submetidos à vontade e à manipulação de prepotentes fazendeiros. Necessidades mínimas, como remuneração justa do trabalho, boa alimentação e saúde estavam longe de ser atendidas [...]. No Nordeste, estagnado economicamente, a situação agrava-se em consequência das terríveis secas que se sucederam no final do século passado. Só na grande seca de 1877 a 1879, morreram cerca de 300.00 pessoas. As secas se repetiram em 1888-89, 1898, 1900 e 1915, afligindo a população trabalhadora do sertão que completava três séculos de latifúndio e padecimentos. A produção estagnou e a economia entrou em crise, restando a esses trabalhadores desempregados a alternativa de migrarem para a Amazônia e o Sudeste do Brasil – onde se desenvolviam as culturas da borracha e do café, respectivamente – ou então o ingresso desesperado no cangaço ou em movimentos místicos.” (ALENCAR, Chico; CARPI, Lúcia; RIBEIRO, Marcus Venício. **História da sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1994, p. 262).

⁴³ SERRA op. cit. p. 192-193.

⁴⁴ FERREIRA; ARAÚJO, 2011, p. 56.

Muitos ingressavam no cangaço por estar desempregado ou mesmo passando fome. Faziam dele um meio de vida, outros, por não se submeter mais aos trabalhos penosos nas fazendas, passaram a viver de assaltos aos senhores de terras, pilhagens de armazéns, sequestros de pessoas ricas e opressoras. Rebelavam-se contra uma ordem social injusta e opressiva, buscando a justiça pelas próprias mãos⁴⁵.

Ainda sobre o tema, o escritor Frederico Pernambucano de Mello nos permite ampliar a visão do que foi o movimento denominado cangaço:

Para o “Brasil Oficial”, do conceito de Machado de Assis, o cangaço foi uma expressão de banditismo no campo. Não há erro nisso, apenas incompletude. Precisando dominar a sociedade na qual atuava, o cangaceiro matava, castrava, ferrava a fogo, estuprava, assaltava, extorquia, minando a repressão movida pelo aparato governamental e impondo seu domínio por meio da fórmula velhíssima do terror. [...] Para o “Brasil Real” – ainda uma vez com Machado – composto, sobretudo, pelas raças castanhas e mestiças, o cangaço se nobilitou aos olhos do povo, ganhando aura de heroísmo social desde que ficou claro seu entroncamento na tradição ilustre daqueles grupos sociais que disseram não ao aos valores brandidos pelo colonizador europeu, a exemplo da propriedade, da acumulação, do tempo linear, da pontualidade, da disciplina, da sujeição, mantendo-se arredios aos agentes da Coroa e dando vida ao mito primordial brasileiro do “viver sem lei nem rei e ser feliz”.⁴⁶

Observa-se pelo texto acima que para a sociedade, o cangaço foi um movimento de foras da lei que impunham o terror por onde passavam. Em contrapartida, para os cangaceiros, a vida que levavam era uma forma de ser feliz, ou seja, viviam sem lei e sem rei, sendo que as regras eram feitas por eles mesmos no movimento.

O cangaço foi um fenômeno social que marcou sua época, que provocava repulsa e medo nos mais abastados, provocava sentimentos de exaltação e admiração por parte da maioria mais pobre que vivia miseravelmente debaixo da opressão e da fome.

Como fenômeno social, o cangaço foi uma manifestação da revolta não- organizada em termos políticos dos oprimidos contra os opressores. Por isso, conquistava a simpatia da população pobre.

“Pra havê paz no sertão
E as moça pudêprosa
E os rapazpudêcasa
E o povo pudê se ri
E os menino diverti
É preciso uma inleição
Pra fazê de Lampião
Gunvernadô do Brasil⁴⁷.”

⁴⁵ ALENCAR; CARPI; RIBEIRO, 1994, p. 262.

⁴⁶ MELLO, Frederico Pernambucano de. Prefácio. In: LIMA, João Sousa de. **Mulheres Cangaceiras**. Bahia: Fonte Viva, 2017, prefácio.

⁴⁷ ALENCAR; CARPI; RIBEIRO, op. cit. p. 263.

O escritor Luiz Serra, defende a tese de que o cangaço foi um movimento “anárquico”⁴⁸, pois ali naquele ambiente cada grupo fazia as suas próprias leis. Os fazendeiros mais abastados compravam os títulos de coronéis e passavam a mandar nos pequenos agricultores. Por outro lado, faziam acordos com os cangaceiros para que eles protegessem suas cargas nas estradas. Entretanto, não cumpriam a palavra dada para pagá-los conforme acordado. Diz ele: “o “reino” do capitão Virgulino Lampião só pôde se haver pelo estado de anarquia, servidão e abusos estamentados no extremo sertão de sete estados nordestinos”⁴⁹.

2.3 Lampião

Lampião foi o mais conhecido cangaceiro. Seu nome era Virgulino Ferreira da Silva, nascido em Pernambuco, em 1897, na cidade de Serra Talhada.

Virgulino Ferreira da Silva, *Lampião*, foi chefe do mais famoso e duradouro bando de cangaceiros. Como aconteceu com outros cangaceiros ele e seus irmãos entraram para o cangaço para se proteger da polícia. Virgulino, Antônio, Ezequiel e Livino mataram um dos homens implicados no assassinato de seu pai que, durante muito tempo, sofrera perseguições de duas famílias latifundiárias no município de Serra Talhada, em Pernambuco⁵⁰.

É difícil dizer ou tentar justificar as escolhas que uma pessoa faz para a própria vida. Por isso mesmo é complicado dizer qual teria sido o motivo que levou Virgulino Ferreira da Silva a escolher a vida no cangaço. Sobre o assunto Serra também nos diz:

Refazendo a jornada até Matinha da Água Branca, sertão de Alagoas, Virgulino e os irmãos tiveram uma tensa reunião em meio ao desespero do assassinato do pai José Ferreira, atingido por um disparo de um policial estabonado, em posição adiantada, na progressão de volante chefiada pelo tenente José Lucena. Considera-se que tal investida à família Ferreira fez com que os irmãos partissem para o cangaço. Neste mesmo dia, Livino Vassoura, Antônio e Virgulino fizeram um pacto de honra, cantado amiúde nas páginas dos folhetins. Doravante sairiam pelas veredas ressequidas do sertão, agiriam para conseguir a reparação da afronta – em particular Virgulino, que destemidamente, iria incendiar o sertão⁵¹.

Não é objetivo desta pesquisa defender ou justificar os atos de Lampião. Por outro lado, o desejo de vingar a morte do pai, por assassinato pode nos fazer compreender a

⁴⁸Para Mikhail Bakunin, filósofo, anarquista e russo, apud (SERRA, 2016, p. 31), “[a] liberdade do homem consiste tão somente nisso, de que ele obedeça às leis da natureza, às quais ele por si próprio reconhece enquanto tais, e não porque elas foram impostas externamente sobre ele por qualquer vontade exterior, humana ou divina, coletiva ou individual.”

⁴⁹ SERRA, 2016, p. 26.

⁵⁰ ALENCAR; CARPI; RIBEIRO, 1994, p. 262.

⁵¹ SERRA, op. cit. p. 35-36.

motivação dos atos praticados por ele. E Lampião se tornou no sertão uma verdadeira lenda, chegando a despertar o desejo de alguns meninos de se tornarem como ele:

Minha mãe me dê dinheiro
Pra comprá um cinturão
Pra vivê de cartucheira
No grupo de Lampião⁵².

Na visão daquelas pessoas que viviam sob tanta miséria e opressão, e também porque não havia quem fizesse algo que lhes minimizasse o sofrimento, Lampião era visto como uma espécie de herói que ajudava a resolver, mesmo que momentaneamente, os problemas que tão de perto os afligia.

Na literatura de cordel, o povo cantava as histórias do cangaço, depositando neles suas esperanças de um mundo melhor.
“Pra havê paz no sertão
E a gente pudê drumi
Cumê, bebê e vesti
Pulas festas vadiá
Sem nunca se atrapaiá
É preciso Lampião
Fazê do seu bataião
A Policia Militar”⁵³.

2.4 Maria Bonita

Era uma vez uma menina, que como qualquer outra menina nascida no interior, brincou de boneca, a qual provavelmente era de pano, ou de sabugo de milho; que teve medo de alma ou de lobisomem; que se deliciou com a luz da lua e desejou muito que sempre fosse lua cheia para poder brincar mais tempo sob aquela luz maravilhosa; e que na escuridão brincou de contar estrelas, evitando apontá-las para que não lhe nascessem verrugas na mão. Era assim a vida das meninas do sertão nordestino.

Essa menina se chamava Maria Gomes de Oliveira. O dia do seu nascimento, não podia ter sido outro, dia 08 de março de 1911, data significativa para nós que comemoramos o dia Internacional da Mulher, dia que foi criado em virtude de uma tragédia.⁵⁴

⁵² SERRA, 2016, p. 21.

⁵³ ALENCAR; CAPRI; RIBEIRO, 1994, p. 262-263.

⁵⁴ “O dia Internacional da Mulher é marcado pela história que se inicia em 08 de março de 1857, quando 130 operárias de uma fábrica de tecidos, em Nova York, foram assassinadas quando lutavam por reconhecimento e melhores condições de vida. Foi preciso uma tragédia para que a sociedade ao longo da história pudesse reconhecer o importante papel da mulher.” (LIMA, João Sousa de. **Mulheres Cangaceiras**. Bahia: Fonte Viva, 2017, p. 6).

Maria Gomes de Oliveira no dia 08 de março de 1911, na fazenda Malhada da Caiçara, distrito de Santo Antônio da Glória do Curral dos Bois. [...] Maria Bonita foi a segunda filha do casal José Gomes de Oliveira, conhecido como Zé Felipe, e Maria Joaquina Conceição Oliveira, apelidada de dona Déa. Teve mais dez irmãos⁵⁵.

A infância e a adolescência correram semelhantes à de outras meninas originárias da caatinga. “Conviveram com os irmãos e parentes próximos, suas brincadeiras resumiam-se nas rodas, passa-anéis, bonecas feitas de sabugo de milho vestidas com panos.”⁵⁶.

A menina se tornou adolescente e foi aprender os afazeres domésticos, pois a realidade ali no sertão era aquela mesma. As meninas aprendiam desde pequenas a lavar, passar e cozinhar. Aprendiam também a bordar e costurar, pois se casavam cedo e tinham que ser boas donas de casa.

Com o projeto de casar-se cedo, a sertaneja se dedicava à aprendizagem das tarefas domésticas. [...]. Maria casou-se com apenas 16 anos, com o sapateiro Zé de Nenê e foi morar no povoado de Santa Brígida, Bahia. Um bom casamento, por sinal, pois o felizardo era artesão e empreendedor⁵⁷.

Até então, a realidade para Maria Bonita não era diferente das demais meninas do sertão nordestino, porque era assim mesmo que acontecia. Não era projeto dos pais investir na educação das filhas. Por ali ainda permanecia o estigma que uma boa moça devia mesmo era se preparar para o casamento. Mulher não tinha de aprender a ler, pois isso só serviria para que fossem escrever cartas para namorados. Esse era o pensamento dos pais do sertão.

No sertão, a preocupação com o casamento das filhas moças foi uma constante. [...]. E assim a confecção de enxovais iniciada aos 12 anos de idade das meninas, com peças de linho mandadas bordar e guardadas em papel de seda em baús; os conselhos amigáveis da mãe experiente para que a moça tivesse um comportamento moderado e repleto de solicitude, “para poder casar”, inculcavam na vida feminina a noção de valorização da vida matrimonial e, ao mesmo tempo, imprimiam-lhe uma profunda angústia, caso ela não viesse a contrair matrimônio antes dos 25 anos de idade.⁵⁸

⁵⁵ LIMA, 2017, p. 10.

⁵⁶ FERREIRA; ARAÚJO, 2011, p. 31.

⁵⁷ Ibid., p. 31.

⁵⁸ DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017, p. 256.

2.5 Maria conhece Lampião

Aos olhos da vizinhança Maria fez um bom casamento, afinal o moço tinha uma profissão – era sapateiro. O noivo era um “bom partido”, mas eles não se entendiam, brigavam muito e ela voltava para a casa dos pais. Em suma,

[...] a união deles não deu certo, não se sabe bem por quê. O que se conta na região é que o tal sapateiro era pacato demais para as inquietações de Maria. Além do mais, era estéril e jamais poderia procriar. Maria e Zé brigavam com frequência, a ponto de se separarem algumas vezes⁵⁹.

É complicado entender ou tentar definir as coisas do coração. Afinal, como diz o verso da música *Eduardo e Mônica*, composta por Renato Russo e gravada pelo grupo Legião Urbana no ano de 1986, “[q]uem um dia irá dizer que existe razão nas coisas feitas pelo coração? E quem irá dizer que não existe razão?” Foi exatamente numa dessas separações, devido a qual Maria estava na casa dos pais, que conheceu Lampião.

Conta-se que logo nos primeiros contatos, Maria e Lampião criaram laços de afetividade. Na tentativa de provocar aproximação, o cangaceiro Virgulino perguntou à moça se ela sabia bordar e, como a resposta foi positiva, pediu-lhe que bordasse suas iniciais “CL” – Capitão Lampião – em quinze lenços de seda. [...]. Ao retornar com o pretexto dos lenços bordados, Lampião e Maria deram início ao namoro. [...]. É improvável que se saiba ao certo o que em Maria chamou a atenção do capitão cangaceiro e vice-versa⁶⁰.

Poderíamos parar aqui e dizer que eles se casaram e foram felizes para sempre, mas não foi assim que se deu. Com a vida de cangaceiro que Lampião levava, era sempre perseguido, ou pela polícia, ou pelos muitos inimigos que adquiria por onde passava. E era justamente por isso que as pessoas que se aproximavam dele acabavam sofrendo as consequências dessa aproximação, uma vez que também eram perseguidas. A família de Maria passou por isso, sendo obrigada, inclusive, a se mudar para o estado de Alagoas. Segundo Ferreira e Araújo (2011), foi aí que Maria tomou a decisão de ir ao encontro de Lampião e se unir a ele.

⁵⁹ FERREIRA; ARAÚJO, 2011, p. 32.

⁶⁰ Ibid., p. 32.

2.6 A presença da mulher no cangaço

Maria Bonita foi a primeira mulher no bando de Lampião, ou seja, foi a primeira cangaceira. Foi a partir da entrada dela naquele ambiente, que outras mulheres também se animaram em entrar para o cangaço, mas foi ela, realmente quem abriu as portas para isso.

Somente depois da entrada de Maria no Cangaço, no final de 1930, é que outras mulheres puderam também optar por esse modo de vida. Até então, nenhum grupo de cangaceiros aceitava que nos bandos houvesse mulheres. Maria mudara toda a história, movida pelo amor que encontrou em Lampião⁶¹.

Vale relembrar aqui os nomes de algumas dessas valentes mulheres que junto com Maria Bonita, mudaram a história do cangaço, dando um toque de doçura naquele meio predominantemente masculino. De acordo com Serra (2016), algumas delas são:

Dadá (de Corisco), Neném do Ouro (de Luís Pedro do Retiro), Durvalina, viúva de Moderno (de Moreno), Sila (de Zé Sereno), Lídia (de Zé Baiano), Inacinha (de Gato), Adília (de Canário), Cristina (de Português), Maria Jovina (de Pancada), Dulce (de Criança), Moça (de Cirilo Engrácia), Otilia, depois Rosinha (de Mariano), Maroca (de Mané Moreno), Mariquinha (de Labareda), Maria Ema (de Velocidade), Enedina de Cajazeira, Rosalina (de Chumbinho), Estrelinha (de Cobra Viva), Hortênsia (de Volta Seca), Lacinha (de Gato Preto), Iracema (de Lua Branca), Eleonora de Azulão, Lili (de Moita Braba), Catarina (de Sabonete), Mocinha (de Medalha), Maninha (de Gavião), Maria Fernandes (de Juriti), Dora (de Arvoredo), Marina (de Laranjeira), Dinha (de Delicado), Rosa (de Mariano)⁶².

Algo que se pode observar é que cada mulher pertencia a um cangaceiro. Quando elas entravam para o bando suas vidas passavam a ser investigadas pela cúpula do cangaço, digamos assim, pois haviam regras a serem cumpridas à risca.

De acordo com o documentário *Feminino Cangaço* (2013), lançado em 2013, quando uma mulher do bando ficava viúva, deveria, imediatamente, procurar um outro cangaceiro, pois não podia ficar sozinha e nem voltar para a família de origem; caso tentasse voltar seu destino seria a morte. A razão disso é que ela já tinha conhecimentos que se a polícia volante ou seus inimigos ficassem sabendo, era o fim para eles. Não apenas o movimento seria esmagado, mas a vida deles e até a de suas famílias não seria poupada.

Durante o período pós-Maria de Lampião, no Cangaço entraram por volta de 40 mulheres. Toda mulher que entrava no Cangaço, obrigava-se a acompanhar um cangaceiro; melhor dizendo, ela não podia entrar para o Cangaço sozinha, sem estar atrelada a um homem. Até quando um cangaceiro morria em combate, a sua companhei-

⁶¹ FERREIRA; ARAÚJO, 2011, p. 38.

⁶² SERRA, 2016, p. 290.

ra tinha de se juntar a outro para garantir a sua vida. Uma cangaceira solteira, sem a proteção de um cangaceiro, poderia tornar-se uma mulher sem propósito no convívio com o bando, além de alvo frágil para a polícia volante⁶³.

A vida de uma mulher que ia parar no cangaço era algo que talvez, hoje, a gente sequer imaginar, como alguém poderia querer aquilo para si. Ainda que os motivos para entrarem no cangaço fossem os mais variados, elas buscavam uma vida melhor, porém, o que encontravam eram realidades muito duras e penosas, pois ali as leis criadas pelos cangaceiros não eram nada fáceis de serem cumpridas e o machismo imperava em todos os sentidos.

Algumas mulheres eram escolhidas para companheiras dos cangaceiros sem possibilidades de recusa. Outras viam a entrada no bando de Lampião como forma de escapar da vida de opressão familiar, de sair de um mundo limitado para uma vida livre, aventureira, não medindo os riscos e as dificuldades. Já Maria Bonita acompanhou Lampião de livre e espontânea vontade.⁶⁴

Um outro aspecto que talvez fosse mais dolorido do que qualquer outro para elas era o fato de ter de entregar os filhos para adoção. Assim que os bebês nasciam eram logo dados para alguém criar. Não era possível manter crianças no ambiente do cangaço, pois além de não haver um lugar fixo para moradia, o choro delas seria um atrativo para que a polícia volante os descobrisse. Todas as mulheres cangaceiras que tiveram filhos passaram por isso, inclusive Maria.

Dadá, companheira do cangaceiro Corisco, teve sete gestações. Maria engravidou quatro vezes: dois nasceram mortos; um morreu logo depois do nascimento; e, na segunda gestação, nasceu Expedita, que somente sobreviveu graças aos cuidados de uma parteira que a ajudou a vir ao mundo. [...] Por uma questão de sobrevivência, as crianças ainda recém-nascidas eram entregues para serem criadas por pessoas indicadas por alguém de confiança – podiam ser padres, políticos e até policiais. Sila confessou que se afastar da cria era o maior sofrimento [...]. Com Expedita não foi diferente. Segundo informações de sua irmã de criação, a Maria José dos Santos, conhecida como Zezé, o grupo de Lampião chegou à fazenda Exu no dia 14 de outubro de 1932. [...] Sabe-se que os filhos não eram abandonados e que, na medida do possível, eram frequentemente visitados pelos pais cangaceiros. Entretanto, é difícil saber ao certo, quantas vezes Maria e Lampião tiveram a chance de ver a filha⁶⁵.

Como se pode imaginar, era uma vida de muito sofrimento. Elas estavam ali juntamente com aqueles homens, enfrentando todo tipo de situação. Por outro lado, o amor pelos filhos era como o de qualquer mãe: sempre procuravam fazer o melhor por eles. Ainda que isso re-

⁶³ FERREIRA; ARAÚJO, 2011, p. 40.

⁶⁴ SCHUMA, Shumahr; VITAL, Érico (Orgs.). **Dicionário de Mulheres do Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 374.

⁶⁵ FERREIRA; ARAÚJO, op. cit., p. 73-75.

presentasse um sofrimento imensurável para elas, melhor doar o bebê para alguém criar do que vê-lo morrer ali em meio ao cangaço e não ter como evitar.

Na obra *A Cidade das damas*, Christine de Pizan fala sobre duas mães que muito fizeram por seus filhos demonstrando esse amor incondicional que muita diferença fez na vida deles. Lili, mãe do valente Teodorico fez toda a diferença quando ele quis fugir de uma batalha.

Assim, ela correu ao seu encontro, implorando-o que voltasse ao campo de batalha. Mas, como ele não prestava atenção em suas palavras, essa dama, tomada de uma ira fervorosa, tirou sua veste, dizendo-lhe: “Se queres fugir, meu filho, então volta ao ventre materno que te gerou!”. Então, Teodorico ficou tão envergonhado que parou a fuga, reuniu a tropa e voltou à batalha. Inflamado de vergonha pelas palavras de sua mãe, combateu com tanto ardor que destruiu os inimigos e matou Odoacre.⁶⁶

Vetúria, que impediu seu filho Márcio de destruir a cidade de Roma:

A sábia Vetúria deixou a cidade acompanhada de todas as patrícias; elas foram em procissão, em direção ao filho. Quando ele viu sua mãe, ele desceu do cavalo para ir a seu encontro e a recebeu amável e humano, com todo respeito que um filho deve ter para com sua mãe. E como Vetúria queria implorá-lo para que estabelecesse a paz, ele respondeu-lhe que cabia a uma mãe mandar no seu filho e não de suplicá-lo. Assim, aquela nobre dama o levou à cidade. Ela salvou, então, Roma, da destruição e conseguiu, sozinha, o que nenhum alto dignitário de Roma pôde fazer.⁶⁷

2.7 A morte de Lampião e Maria Bonita

É fácil imaginar como foi dura a vida de Maria quando decidiu largar sua família e viver ao lado do capitão Lampião. Era um constante lutar para sobreviver, pois o lema era matar ou morrer.

Nunca ouvi reclamarem. Eles se acostumavam. Nem faziam futuro, nem pensavam em morrer, porque eles sabiam que a qualquer momento podia acontecer, daí o que viés se estava bom. Chegasse o momento que podíamos dançar, nós dançávamos; na hora de correr, nós corríamos; na hora de brigar, brigávamos, e a gente queria terminar aquele negócio logo, era matar ou morrer.⁶⁸

O trecho narrado acima resume bem o que foi a vida de Maria. Até que no dia 28 de julho de 1938, na Grota do Angico em Sergipe, sob o comando do tenente João Bezerra,

⁶⁶ PIZAN, 2012, livro primeiro, cap. XXII.

⁶⁷ Ibid. livro segundo, cap. XXXIV.

⁶⁸ Informação verbal de Vinte e Cinco, em 2009. In: FERREIRA; ARAÚJO, 2011, p. 32.

Lampião e Maria Bonita foram assassinados. Conforme atestam alguns, Maria foi degolada ainda com vida: “Segundo depoimento do médico Arnaldo Silveira, um dos especialistas que estudaram as cabeças de Lampião e Maria Bonita, esta foi realmente degolada com vida.”⁶⁹

Depois das mortes dos cangaceiros, as cabeças foram expostas como troféus e saíram por várias cidades sendo mostradas à população. Tempos depois as cabeças ficaram no Instituto Nina Rodrigues em Salvador, Bahia, onde depois de uma longa briga judicial, foram enterradas. [...]. O ato final do enterro das cabeças aconteceu no dia 13 de fevereiro de 1969⁷⁰.

A morte de Lampião e Maria Bonita foi uma morte extremamente violenta. Não bastou apenas matá-los, mas quiseram mostrar como era o poder do mais forte: mataram, decapitaram e exibiram as cabeças em praças públicas como se fossem troféus.

Sobre a prática e o significado do ato de cortar a cabeça, é bem mais antigo do que se imagina decapitar o inimigo. Entre o povo celta e entre os gregos, por exemplo, isso era praticado. Até mesmo na Bíblia é citada uma passagem na qual a filha de Heródia, esposa do rei Herodes, pediu a cabeça de João Batista em um prato.⁷¹

A cabeça possui para muitos povos um grande valor, estando ligada ao princípio ativo e ao fato de governar, ordenar, e instruir. [...] A crença no poder da cabeça ou na possibilidade de cessar o inimigo através de sua cabeça cortada se prolongou por muito tempo. [...] Há vários indícios que os celtas valorizavam a cabeça cortada dos seus inimigos como forma de adquirir poder. [...] Podemos relacionar o mito da Medusa à crença que os gregos tinham sobre a continuidade do poder da cabeça.⁷²

No caso de Lampião e Maria Bonita, ao que parece, a decisão de cortar suas cabeças foi uma maneira de demonstrar poder e força. Foi uma atitude por meio da qual a polícia quis demonstrar um poder absoluto. Possivelmente, o ato de exibir e manter suas cabeças como se fossem troféus serviria, também, para intimidar alguém que ainda tivesse a ideia de fazer algo semelhante ao que Lampião e seu bando fizeram.

⁶⁹SCHUMA; VITAL, 2000, p. 374.

⁷⁰LIMA, 2017, p. 25.

⁷¹BÍBLIA. Livro de Marcos. Português. Bíblia Sagrada – Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Viva, 2001, p. 1326-1327.

⁷²ZIERER, Adriana (Org.). **Da Ilha dos Bem-Aventurados à Busca do Santo Graal**. Maranhão: Editora UEMA, 2013, p. 347-361.

2.8 O que faz Maria ser um diferencial

Ainda que a vida no cangaço fosse a mais dura e difícil que se possa imaginar, Maria Bonita nunca se diminuiu, nem se fez de vítima e, muito menos, se deixou abater.

A cangaceira Dadá dizia que Maria era uma mulher mimada e cheia de vontades. Mas outros relatos narrados pela história oral das lembranças de ex-cangaceiros, tais como Vinte e Cinco, Dulce e Sila, ou de ex-coiteiras, como dona Hilda Fernandes e dona Rosinha, conduzem-nos a um entendimento de que Maria era uma mulher descontrada, brincalhona, às vezes infantil. Uma majestade sem pose de reinado, pois se mostrava mais companheira do que comandante, a bonita Maria do Capitão Lampião não se incomodava com nada e parecia ter nascido pronta para viver no modo de vida do Cangaço⁷³.

Conforme narrativa do documentário *Feminino Cangaço*, filme lançado em 2013, quando uma nova mulher chegava no bando, ou seja, quando uma mulher viria a tornar-se cangaceira, cabia à Maria dar as boas-vindas à nova companheira e ambientá-la para que se sentisse acolhida.

É difícil imaginar que Maria, se fosse mimada, ou agisse como uma rainha cheia de pose, faria tal coisa. Provavelmente mandaria que outra fizesse isso em seu lugar. Ainda a respeito de Maria, relatou o cangaceiro Vinte e Cinco, em depoimento gravado e transcrito em novembro de 2009: “Parecia uma menina grande. Uma irmã daquelas bem dada com os irmãos. Ela era brincalhona, uma moleca, e conquistava todo o mundo. Contava uma piada da pega e todo mundo achava graça. Tratava bem a todo mundo. Gostava até de botar apelido”⁷⁴.

O diferencial de Maria Bonita talvez tenha sido esse “endurecer sem perder a ternura”. Esse jeito de ser que só ela teve: **Coragem** e **ousadia** de não aceitar o futuro que lhe estava reservado, o de um casamento arranjado e sem amor, costume da época. Maria fugiu desse destino e escolheu a aventura do **amor**. Com **valentia**, enfrentava qualquer situação ao lado de Lampião. Mas conforme dito por muitos, não perdeu a sua alegria de viver, mesmo que o ambiente fosse muito mais propício às lágrimas do que aos sorrisos. Maria encontrou no amor o sentido para suportar a dureza da vida no cangaço. O ideal de vida escolhido por Maria Bonita foi o amor a um homem, no caso, Lampião, e a lealdade a uma causa, o movimento cangaço.

A fim de estabelecer um paralelo com a nossa personagem do sertão, vamos considerar, por fim, a história de duas das mulheres cujas histórias são parte da construção da *Cidade*

⁷³ FERREIRA; ARAÚJO, 2011, p. 26.

⁷⁴ Informação verbal em: FERREIRA; ARAÚJO, op. cit. p. 36.

das damas. A primeira é a rainha Semíramis, pois encontramos nessa personagem traços que nos reportam à Maria Bonita.

Semíramis foi uma dama de muita virtude, força e coragem exemplar no exercício e prática das armas... Essa dama foi esposa do rei Nino, que deu o nome à cidade de Nínive, e tornou-se um grande conquistador, graças à ajuda de Semíramis que cavalgava ao seu lado, em todos os campos de batalha. Essa dama era ainda jovem, quando Nino foi morto por uma flecha, durante um ataque a uma cidade... Essa dama, de tão grande coragem, nada temia, nem esmorecia diante de qualquer perigo. Ao contrário, expunha-se a todos... É bem verdade que muitos a criticaram – e com todo direito, se ela tivesse vivido sob nossas leis – pelo fato dela ter se casado com um filho que tivera com Nino, seu esposo. Mas, os motivos que a levaram a fazer isso foram dois: o primeiro é que ela não quis que, no seu império, tivesse outra dama coroada além dela, o que seria inevitável se seu filho se casasse com outra; e o outro motivo é que, para ela, nenhum outro homem era digno de tê-la, como esposa, exceção de seu próprio filho. Mas, apesar de ser um pecado muito grande, essa dama não tem que se desculpar, pois ainda não havia lei naquela época. As pessoas viviam assim, agitando como melhor lhe parecesse... Não há dúvida de que, se ela pensasse que estaria agindo mal ou que poderia ser repreendida por isso, não teria se comportado assim, pois ela tinha um coração generoso, e prezava muito pela honra. Está posta, agora, a primeira pedra das fundações de nossa Cidade...⁷⁵

É possível observar na passagem acima, que, para habitar a *Cidade* não era exigido que a mulher jamais tivesse cometido um erro ou um pecado na vida. São narrados fatos considerados bastante graves, principalmente se forem vistos pelos olhos da lei. Mas podemos ver também que Pizan não se omite em falar sobre a gravidade dos atos praticados por Semíramis, inclusive, dá razão aos que a criticaram, afirmando que foi um pecado muito grande, o fato de ter se casado com o próprio filho. Mas a autora também está certa da nobreza de caráter dessa dama, pois observa que se ela tivesse vivido em outra época não teria feito tal coisa. Assim, não só a justifica, como faz de sua história a primeira pedra da construção da *Cidade das damas*.

Embora Semíramis e Maria Bonita tenham sido mulheres muito diferentes entre si, suas atitudes são parecidas, pois tiveram muita ousadia e coragem para fazer escolhas surpreendentes, mesmo que seus atos envolvam erros considerados muito graves, como se casar com o próprio filho (Semíramis) ou se unir a Lampião, considerado o bandido mais perigoso daquela região na época (Maria Bonita).

A segunda mulher cuja história merece destaque, no mesmo capítulo, é a rainha Zenóbia.

⁷⁵ PIZAN, 2012, livro primeiro, cap. XV.

A valente Zenóbia, rainha da Palmira, não foi menos digna de fama. Era uma dama nobilíssima que descendia dos Ptolomeus, reis do Egito. Sua coragem e proeza de cavaleira foram manifestadas desde a sua infância. Quando cresceu, ninguém pôde impedi-la que deixasse as cidades, palácios e quartos reais, para ir morar no coração dos bosques e florestas. Ali, armada com sua espada e lanças, caçava com fervor animais selvagens, enfrentando-os sem medo e triunfando com muita facilidade. Não a incomodava o fato de dormir no bosque, na terra dura, sob o sol, e a chuva. Sem temor algum, saía abrindo caminhos nas florestas, atravessando vales, escalando montanhas, para caçar animais... Fortuna lhe sorriu ao dar-lhe um esposo conforme sua personalidade e a vida que havia escolhido... Esse rei era de uma bravura excepcional. Ele decidiu conquistar, pelas armas, o Oriente inteiro e os impérios vizinhos... Então, Zenóbia, que não fazia nenhum esforço para guardar o frescor de sua tez, entregou-se, com seu marido ao árduo exercício das armas, vestindo armaduras e participando de todos os esforços no exercício da cavalaria⁷⁶.

Assim, podemos perceber também em Zenóbia traços que nos reportam à Maria Bonita, tais como a coragem, o desapego ao conforto e o gosto por uma vida de lutas, inclusive com a utilização da força física e das armas.

Nossa atitude, como a de Pizan, não é julgar para condenar ou punir essas mulheres. Nossa posição não é a de dizer se está certo ou errado o que elas fizeram. Isso a sociedade e os chamados “homens da lei” já o fizeram, como no caso de Maria Bonita. Nosso propósito é elogiar a virtude da mulher Maria Bonita e leva-la, juntamente com outras mulheres exemplares, a ocupar o seu merecido lugar na *Cidade das damas*.

⁷⁶ PIZAN, 2012, livro primeiro, cap. XV.

CONCLUSÃO

O propósito inicial para o estudo que apresentamos aqui foi cumprido? Cabe aos leitores e examinadores julgar.

Destacar a contribuição de Christine de Pizan como filósofa, por meio de sua literatura, era um dos objetivos deste trabalho. Entendemos a sua obra como um despertar das mulheres de sua alienação que ultrapassa o contexto da Idade Média e, nesse sentido, não se dirige apenas às mulheres de seu tempo. A *Cidade das damas* conclama mulheres de todas as épocas, inclusive as do nosso tempo a se defenderem da misoginia e da opressão masculina. Tal opressão vinha e ainda vem na forma de tortura física, moral e psicológica, mostrando que machismo e misoginia caminharam e ainda caminham de mãos dadas, pois a mesma violência que fustigava as mulheres que compunham o universo no qual a autora viveu ainda continua a ocorrer, com requintes de crueldade possivelmente mais elaborados.

Poderíamos seguir investigando diversos aspectos da filosofia da autora Christine de Pizan. Na presente pesquisa, porém, optamos por dois aspectos que se destacam. O primeiro é a perplexidade da autora ao se dar por conta de como a literatura que conheceu podia ser propagadora de ideias errôneas a respeito das mulheres. Tal perplexidade, no entanto, não ficou apenas na constatação dos fatos. A autora não ficou sofrendo calada, assim como não se reduziu à posição de vítima. Ela conseguiu reunir forças para dar um sentido àquele sofrimento e construiu uma *Cidade* com o material que tinha em mãos: seu estudo, suas ideias e seu talento para a escrita.

O segundo aspecto filosófico que nos chamou atenção na obra é seu empenho para a libertação; não só da autora enquanto mulher individual, mas a possibilidade de libertar outras mulheres daquele jugo no qual vivem. Diante da tristeza e da revolta provocadas pelas aberrações divulgadas pelos homens a respeito das mulheres, inclusive no meio intelectual e religioso que a cercava, Christine de Pizan reuniu histórias de mulheres narrando seus feitos em todas as áreas e provando toda a capacidade que elas possuíam, o que, infelizmente, ainda não alcançou reconhecimento. Ela construiu um memorial para que as mulheres se sentissem valorizadas naquela época e se valorizem hoje em dia. Ela proporcionou condições para as mulheres exercerem a cidadania que lhes foi negada. A *Cidade das damas* é um lugar de valorização para mulheres de todas as épocas. Podendo, assim, alegrar-se, por meio de um combate argumentativo vencedor.

Minhas caríssimas damas, é natural que o coração humano se alegre quando ele sai vitorioso de alguma agressão e que tenha conseguido confundir seus inimigos. A

partir de agora, minhas damas, terei do que se alegrar, de modo honesto, sem ofender Deus, ao ver terminada essa Cidade que poderá ser, se a conservardes bem, não só um refúgio para vós todas, senhoras de virtude, mas uma Fortaleza para vos defender dos ataques de vossos inimigos. Podereis ver que o material de que ela foi feita é todo de virtude, e tão reluzente que todas vós podereis mirar-vos, sobretudo nos altos telhados do edificio, quer dizer, nessa última parte, assim como o que vos chama a atenção nas outras partes. Minhas caras damas, não fazei mau uso dessa nova herança, como fazem aqueles arrogantes que se enchem de orgulho quando suas riquezas se multiplicam e prosperam⁷⁷.

O propósito de levar Maria Bonita, a companheira de Lampião, para o ambiente da *Cidade das damas* – uma forma de homenageá-la como mulher nordestina e sertaneja – foi buscado de muitos modos, por aproximações e analogias com a história de outras damas. Aos olhos de muitos, essa mulher pode ter feito escolhas equivocadas e por causa delas cometido muitos erros, mas por causa disso já foi julgada e condenada, sem que lhe fosse dado o direito de apresentar o contraditório. Ou seja, foi julgada e condenada sem direito à defesa. Ao ser assassinada em uma emboscada e ter sua cabeça degolada ainda com vida, ficou claro que sua sentença fora traçada sem dar a ela qualquer chance. Mas a coragem, o amor e a lealdade foram marcas em sua vida, sendo merecedora de nossa homenagem: Maria Bonita, a Dama coragem.

Desse modo, nós, hoje, podemos nos inspirar nessas duas mulheres incríveis, exemplares em suas próprias virtudes, assim como nas histórias de mulheres que Christine de Pizan dá a conhecer em sua obra *Cidade das damas*. Que preservemos esse monumento construído literalmente!

Preservar também é cuidar e aumentar a construção desta *Cidade das damas* como meio de fortalecer as mulheres para que tenhamos, todas, cidadania de fato neste mundo no qual estamos inseridas.

⁷⁷ PIZAN, 2012, livro terceiro, capítulo XIX.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ALENCAR, Chico; CARPI, Lúcia; RIBEIRO, Marcus Venício. **História da sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1994.

ARENDDT, Hannah. **A promessa da política**. Organização e introdução Jerome Kohn; tradução Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: DIFEL, 2008.

_____. **Homens em tempos sombrios**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BÍBLIA. Livro de Marcos. Português. Bíblia Sagrada – Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Viva, 2001.

DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. In: PIZAN, Christine de. **A Cidade das Damas**. Tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2012.

_____. Verbete Christine de Pizan. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio; **Dicionário crítico de gênero**. Mato Grosso do Sul: Editora da UFGD, 2015

SCHUMA, Shumaher; VITAL, Érico (Orgs.). **Dicionário de Mulheres do Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FERREIRA, Vera; ARAÚJO, Germana Gonçalves de. **Bonita Maria do Capitão**. Bahia: EduNEB, 2011.

FEMININO CANGAÇO. Direção de Manoel Leto e Lucas Viana. Bahia: Uneb, 2013. (75min), **YouTube**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wsTCQ7LOeds&feature=youtu.be>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

LIMA, João Sousa de. **Mulheres Cangaceiras**. Bahia: Fonte Viva, 2017.

LLOBET, Lola Esteva de. **Christine de Pizan**. Madrid: Ediciones del Orto, 1999.

MARTINO; BRUZZESE. **Las Filosofas**. Tradução Mônica Poole. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996. Colección Feminismos.

MOURÃO, José Maria da Silva. **Lampião e Maria Bonita**. Distrito Federal: Editora de Cordel Mourão & Artes, 2016.

PIZAN, Christine de. **A Cidade das Damas**. Tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2012.

PONTES, Roberto. O medievo está aqui. **Revista Graphos**, João Pessoa, v. 19, n. 03, p. 198-209, 2017.

Ria Lemaire em entrevista a Silvana Arantes. O cordel subverte o cânone. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 fev. 2001. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2602200106.htm>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

RUBIN, Anderson Cardoso. **Razão, Retidão e Justiça**: a questão do conhecimento em *A Cidade das Damas* de Christine de Pizan. 49f. Monografia (Graduação em Filosofia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SERRA, Luiz. **O Sertão Anárquico de Lampião**. Brasília: Outubro Edições, 2016.

TROCH, Lieve. Mística Feminina na Idade Média Historiografia Feminista e Descolonização das Paisagens Medievais. **Revista Graphos**, João Pessoa, v. 15, n. 01, p. 1-12, 2013.

WUENSCH, Ana Miriam. O que Christine de Pizan nos faz pensar. **Revista Graphos**, João Pessoa, v. 15, n. 01, p. 1-12, 2013.

_____. NASCIMENTO, Wanderson Flor. As pensadoras: sujeitos invisíveis, mulheres esquecidas na história da filosofia. In: FÓRUM PERMANENTE DE PROFESSORES, CURSO DE EXTENSÃO 1º/2004, **Anais...** Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

YOUNG-BRUHEL, Elisabeth. **Por amor ao mundo**: a vida e a obra de Hannah Arendt. Tradução Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

ZIERER, Adriana (Org.). **Da Ilha dos Bem-Aventurados à Busca do Santo Graal**. Maranhão: Editora UEMA, 2013.